

ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS: uma Revisão Sistemática de Literatura sobre a promoção da saúde pública¹

Claudia Regina Ferreira²

Resumo: *A pandemia de Covid-19 impulsionou as autoridades de saúde pública a utilizarem as mídias sociais para informar a população. Apesar das diversas iniciativas, estudos apontam falhas em várias estratégias, o que resultou em crenças equivocadas. Este artigo tem como objetivo identificar e analisar as estratégias comunicacionais utilizadas pelas autoridades governamentais do Brasil e de outros países em mídias sociais para promover a saúde pública e combater a desinformação. Por meio de uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) e análise de conteúdo, o estudo mapeia as principais doenças abordadas, plataformas mais utilizadas, países que mais pesquisaram sobre saúde pública e os mais pesquisados, além das autoridades públicas. Os achados indicam que a maioria dos trabalhos partiu do Norte Global, com informações divulgadas por ministérios da saúde, principalmente sobre Covid-19, em plataformas como Twitter, Facebook e Instagram.*

Palavras-Chave: *Saúde pública. Redes sociais. Desinformação.*

Abstract: *The Covid-19 pandemic prompted public health authorities to use social media to inform the population. Despite various initiatives, studies indicate failures in several strategies, leading to misconceptions. This article aims to identify and analyze the communication strategies used by government authorities in Brazil and other countries on social media to promote public health and combat misinformation. Through a Systematic Literature Review (SLR) and content analysis, the study maps the main diseases addressed, the most commonly used platforms, the countries that conducted the most research on public health, the most researched countries, and public authorities involved. The findings indicate that most studies originated from the Global North, with information disseminated by health ministries, mainly about Covid-19, on platforms such as Twitter, Facebook, and Instagram.*

Keywords: *Public Health. Social Media. Misinformation.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação da Ciência e Políticas Científicas. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Doutoranda em Comunicação. PPGCom da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Comunicação. Especialista em Marketing. Jornalista. E-mail claudia.ferreira.3105@gmail.com.

1. Introdução

O avanço das tecnologias digitais e o surgimento das mídias sociais transformaram a maneira como as informações são disseminadas, especialmente em contextos de crise sanitária. Durante a pandemia de Covid-19, as mídias sociais emergiram como ferramentas essenciais para a comunicação de saúde pública, permitindo que as autoridades se conectassem diretamente com a população em larga escala. No entanto, o aumento da circulação de informações online trouxe um desafio significativo: a disseminação de desinformação (YE et al., 2021).

As plataformas digitais, como Twitter, Facebook e Instagram, possibilitam que especialistas em saúde, veículos de comunicação e o público em geral compartilhem informações em tempo real, influenciando comportamentos e decisões. Contudo, essa dinâmica também cria um ambiente propício para a propagação de informações falsas ou enganosas, que podem impactar negativamente a saúde mental e física da população. Durante a pandemia, diversas práticas prejudiciais foram disseminadas, como dicas infundadas para prevenir ou curar a Covid-19 por meio de procedimentos perigosos, aumentando a vulnerabilidade das pessoas em relação ao vírus e resultando inclusive em mortes por ingestão de substâncias totalmente inadequadas para consumo humano, como gasolina, na tentativa de eliminar o coronavírus do organismo (LARSON, 2020).

Nos últimos anos, governos e organizações de saúde enfrentaram um cenário de constantes transformações e incertezas, que exigem maior agilidade e planejamento estratégico para lidar com os desafios da comunicação digital (SARIRETI, 2021). A pandemia evidenciou esse fenômeno, destacando a importância de disseminar informações confiáveis e oportunas, mas também revelando falhas nas abordagens de comunicação utilizadas por muitas autoridades públicas.

Antes mesmo da pandemia, com o aumento expressivo do uso das mídias sociais, tanto veículos tradicionais quanto autoridades de saúde passaram a estar mais presentes no ambiente virtual, buscando engajar os cidadãos em situações de crises sanitárias, como em epidemias de HIV, Ebola, Zika e, mais recentemente, a Covid-19 (YE et al., 2021). Essa nova realidade trouxe desafios e oportunidades para a comunicação em saúde pública, consolidando um cenário favorável para investigações acadêmicas que buscam gerar insights relevantes para práticas e políticas de comunicação em saúde mais eficazes (DONTHU et al., 2021).

Embora as mídias sociais ofereçam possibilidades inéditas para alcançar grandes públicos de maneira rápida e direta, a falta de um planejamento adequado de comunicação em crises contribuiu para a proliferação de desinformação. Isso limita a eficácia das campanhas de saúde pública em várias partes do mundo e reforça a necessidade de estratégias baseadas em evidências e alinhadas às melhores práticas de comunicação (KORUKCU, 2020).

Nesse contexto, a Revisão Sistemática de Literatura (RSL) surge como uma abordagem eficaz para sintetizar o conhecimento científico produzido sobre o tema. Ao mapear as principais doenças abordadas, as plataformas mais utilizadas, os países estudados, de que países os pesquisadores/autores conduziram os estudos e as autoridades públicas envolvidas, este estudo busca contribuir para o avanço do campo de comunicação em saúde e contribuir para a formulação de políticas públicas de comunicação mais assertivas. Para isso, foram analisados inicialmente 412 artigos das bases de dados Web of Science (335) e SciELO (77), resultando na inclusão final de 77 estudos relevantes para a pesquisa.

A partir da análise dos estudos selecionados, espera-se fornecer insights valiosos para o aprimoramento das práticas de comunicação em saúde e para o enfrentamento dos desafios impostos pelas crises sanitárias no ambiente digital, uma vez que os achados identificaram uma boa parte das informações divulgada por ministérios da saúde de diferentes países para tratar assuntos relacionados principalmente à Covid-19 no Twitter, Facebook e Instagram.

2. Metodologia

Este estudo adota a Revisão Sistemática de Literatura (RSL) como método principal para investigar as estratégias de comunicação adotadas por autoridades de saúde pública nas mídias sociais, com foco nas práticas bem-sucedidas e nas falhas identificadas na promoção da saúde pública. A RSL é reconhecida como uma abordagem eficaz para sintetizar o conhecimento acadêmico existente e identificar padrões e lacunas na literatura científica.

2.1. Descrição da Revisão Sistemática de Literatura (RSL)

A RSL foi conduzida em duas bases de dados amplamente reconhecidas no meio acadêmico: Web of Science (WoS) e Scielo. A escolha dessas bases se deu após uma pesquisa exploratória devido a afinidade com o tema proposto. Os pré-testes realizados em outras bases encontradas no Portal de Periódicos da Capes, como Scopus, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Oxford, indicaram que WoS e Scielo apresentavam maior afinidade com o objetivo

da pesquisa, justificando a seleção final dessas duas bases. Silveira et al. (2012) destacam que muitas bibliotecas oferecem catálogos online, como o Portal de Periódicos da Capes, que disponibiliza acesso gratuito a milhares de trabalhos científicos, o que facilita o acesso a materiais relevantes.

Estudos de revisão bibliográfica em geral e revisões sistemáticas de literatura com frequência se baseiam em Análise de Conteúdo (AC), uma técnica que permite criar inferências válidas sobre um determinado conteúdo analisado (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021). A técnica de AC se fundamenta em códigos, codificação e categorias, sendo o livro de códigos o instrumento que norteará o processo de análise.

2.2 Processo de Busca e Palavras-Chave Utilizadas

As palavras-chave utilizadas nas buscas levaram em consideração as principais mídias sociais utilizadas globalmente com base no relatório da Reuters Institute For The Study Of Journalism, (2024), como Twitter, Instagram, Facebook, YouTube, TikTok, Weibo e Douyin. O termo SNSs (Social Networking Services) foi incluído por ser amplamente usado em artigos acadêmicos relacionados ao tema.

TABELA 1
Filtros Aplicados

Idiomas: Português, inglês e espanhol.	Tipo de documento: Artigos científicos.	Áreas de conhecimento: Comunicação e Ciências Sociais.
--	--	--

FONTE – Próprio autor

2.3 Seleção da Amostra

A seleção da amostra seguiu um processo de codificação que envolveu a leitura integral dos artigos selecionados. Foram mantidos na planilha de análise apenas os seguintes metadados:

- Base da pesquisa;
- Autores;
- Título;
- Fonte ou periódico;
- Idioma;
- Resumo;
- Afiliações;
- E-mail do autor principal;

- i) Ano de publicação;
- j) Link (URL);
- k) Referências.

A amostra final passou por uma análise detalhada, incluindo a classificação das variáveis mais relevantes para a pesquisa. Segundo Sampaio e Lycarião (2021), para que a Análise de Conteúdo seja considerada válida, é necessário garantir a confiabilidade e a replicabilidade do processo, o que exige uma descrição clara das etapas realizadas.

2.4 Mapeamento das Variáveis

Os artigos selecionados foram analisados quanto a diferentes variáveis que poderiam responder às questões de pesquisa levantadas neste estudo. As variáveis analisadas incluíram:

- a) Plataformas de mídias sociais utilizadas;
- b) Doenças abordadas;
- c) Países ou regiões pesquisados;
- d) Países ou regiões de origem das pesquisas;
- e) Autoridades de saúde citadas nos artigos;

A fim de classificar cada variável a ser estudada, todos os artigos da amostra passaram por leitura, primeiramente nas seguintes seções: (1) Resumo, (2) Introdução, (3) Metodologia e (4) Resultados. Quando tais seções não foram suficientes para interpretação das variáveis, foi obrigatória a leitura integral do artigo. Esse conjunto de ações colaborou o suficiente para responder às seguintes variáveis descritas no Livro de Códigos e sumarizadas abaixo:

TABELA 2
Categorias e Unidades de Análise

Categoria	Descrição	Categorias ou Valores Codificados	Observações
Tipo de Mídia Social	Levantar qual o tipo de mídia social utilizado no artigo	Facebook, YouTube, WhatsApp, Instagram, Twitter, TikTok, Telegram, Douyin, QQ, Weibo	Para artigos com mais de uma mídia social, deverá constar cada uma delas, separadas por ponto-e-vírgula.

Doenças ou Problemas de Saúde	Identificar as doenças e/ou problemas de saúde pública tratados nos artigos	Covid-19, Diabetes, HIV, Problemas Psicológicos, Saúde da Mulher, Doenças Infantis, Epidemias, etc.	Incluir todas as doenças mencionadas, separadas por ponto-e-vírgula. Se não especificado, classificar como "Não especificado".
Países e Continentes Pesquisados	Mencionar o(s) país(es) e continente(s) evidenciados no artigo	Nome do país e continente	Em caso de múltiplos países, separar cada um deles por ponto-e-vírgula.
Países e Continentes de Origem	Mencionar o(s) país(es) e continente(s) de onde o(s) pesquisador(es) realizaram a pesquisa	Nome do país e continente	Relacionar o país de vínculo institucional dos pesquisadores.

FONTE – Próprio autor

O resultado da codificação das categorias e respectivas variáveis encontra-se na tabela RSL – Comunicação e Saúde Pública – Artigos Selecionados.

Com base no objetivo de mapear características sobre o uso de mídias sociais de comunicação em saúde pública e demais informações, este estudo busca responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a) **RQ1:** Quais mídias sociais têm sido usadas no âmbito da comunicação em saúde pública por autoridades de saúde?
- b) **RQ2:** Quais as doenças ou problemas de saúde mais abordados por diferentes países ou regiões?
- c) **RQ3:** Que países têm pesquisado o tema e quais têm sido alvo da pesquisa?
- d) **RQ4:** Quais autoridades de saúde têm buscado usar as mídias sociais como canal de informação para promover saúde pública e/ou combater desinformação?

Essas perguntas guiaram a condução da revisão sistemática e análise de conteúdo, facilitando a identificação de padrões e tendências relevantes na literatura científica.

3. Resultados

A crescente influência das mídias sociais na comunicação em saúde pública tem despertado o interesse de pesquisadores ao redor do mundo. Estudos (LI et al., 2021; MACKEY, 2022; DONTHU et al., 2021; ALKAZEMI et al., 2022) indicam que essas plataformas desempenham um papel significativo na disseminação de informações de saúde, influenciando comportamentos e promovendo a conscientização sobre diversas doenças. No entanto, a forma como essas mensagens são estruturadas pode impactar diretamente o nível de engajamento do público e a efetividade das campanhas (SARIRETI, 2021; MAYBERRY, 2023; YOON et al, 2019).

Estudos demonstram que plataformas baseadas em imagens e vídeos, como YouTube, Instagram e Pinterest, têm sido cada vez mais exploradas para a comunicação em saúde. Pesquisas sobre YouTube revelam que o tom dos vídeos influencia significativamente a resposta do público, sendo que conteúdos positivos e bem estruturados apresentam maior alcance e retenção (ALKAZEMI et al., 2022).

No Instagram, postagens com as hashtags #suicide e #suicidal foram examinadas para entender seu impacto no engajamento de profissionais de saúde mental e no potencial de contágio dessas mensagens. No Pinterest, foram identificadas tendências relacionadas à percepção pública sobre vacinas, indicando que conteúdos visuais podem influenciar significativamente a opinião e o comportamento dos usuários em relação à saúde pública (ALKAZEMI et al., 2022). Esses achados reforçam a necessidade de estratégias comunicacionais mais estruturadas, que não apenas informem, mas também mobilizem a população de forma eficaz nas redes sociais.

3.1. Mídia social

Os resultados da RSL apontaram que as plataformas mais utilizadas para a comunicação em saúde pública foram Twitter, Instagram e Facebook (FIG. 1). Essa escolha reflete as tendências globais de disseminação de informações e o comportamento dos usuários no ambiente digital. Estudos demonstram que essas redes sociais desempenham um papel fundamental na comunicação entre autoridades de saúde e a população, especialmente após a pandemia de Covid-19, que redefiniu os hábitos de consumo de conteúdo online (TORRES, 2009; SILVA et al, 2021; BARROS et al, 2020). No entanto, o uso eficaz dessas plataformas exige um planejamento estratégico adequado, levando em consideração fatores como engajamento, confiabilidade e formato das mensagens.

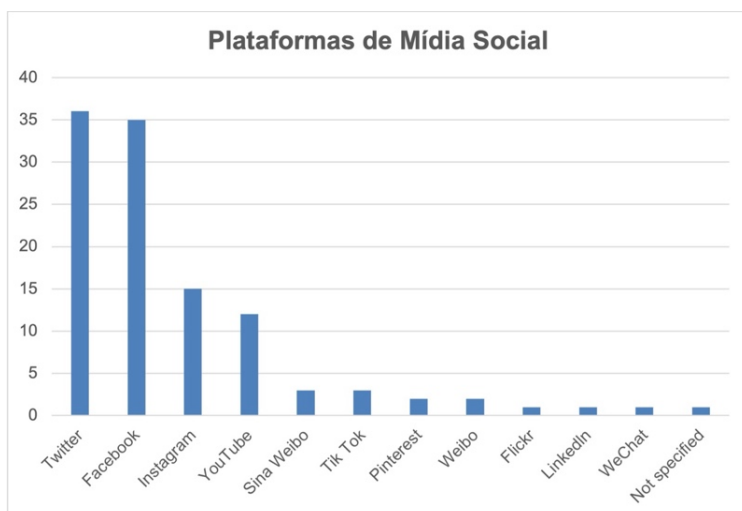


FIGURA 1 - Mídias sociais mais utilizadas

FONTE – PRÓPRIA AUTORA

A migração para plataformas baseadas em vídeo, como YouTube, TikTok e Instagram, tem se intensificado nos últimos anos (REUTERS, 2024). Esses ambientes priorizam formatos visuais que capturam a atenção do público e incentivam a interação. Enquanto isso, redes sociais mais tradicionais, como Facebook, têm buscado adaptar-se à nova dinâmica digital por meio do desenvolvimento de formatos próprios para retenção de usuários.

Em julho de 2023, o Twitter passou por uma reestruturação significativa, adotando o nome "X" e substituindo seu logotipo de pássaro azul por um design minimalista representado pela letra "X". Essa mudança foi uma iniciativa de Elon Musk para transformar a plataforma em um "aplicativo para tudo", expandindo suas funcionalidades além das tradicionais de microblogging. A transição incluiu a alteração do domínio de twitter.com para x.com em maio de 2024, marcando o fim oficial da marca Twitter. No entanto, essa mudança enfrentou diversas críticas, com muitos usuários e especialistas questionando a decisão de abandonar uma marca globalmente reconhecida. Além disso, a plataforma perdeu milhares de usuários após a reeleição de Donald Trump em 2024 e a crescente concorrência de redes descentralizadas como o Bluesky³.

³ Disponível em [cbsnews.com](https://www.cbsnews.com). Acesso em 31 jan 2025.

Disponível em [euronews.com](https://www.euronews.com). Acesso em 31 jan 2025.

Disponível em [theguardian.com](https://www.theguardian.com). Acesso em 31 jan 2025.

Entretanto, dados indicam que o tráfego gerado por essas plataformas para fontes externas tem diminuído significativamente, sugerindo uma mudança no comportamento do público, que passou a priorizar conteúdos consumíveis diretamente dentro das redes sociais. Além disso, as mídias sociais visuais oferecem vantagens específicas para campanhas de saúde pública. Estudos destacam que a autenticidade percebida em vídeos – muitas vezes gravados por profissionais de saúde, influenciadores ou cidadãos comuns – contribui para a credibilidade das informações e para a construção de confiança entre os usuários (REVEILHAC, 2022).

A possibilidade de consumir conteúdos curtos, personalizados por algoritmos e acessíveis em qualquer momento (CRUZ E SILVA, 2014) amplia ainda mais o impacto dessas plataformas na comunicação em saúde. Essas redes também proporcionam diferentes níveis de engajamento, permitindo desde a interação passiva, como curtidas e compartilhamentos, até discussões ativas em seções de comentários e transmissões ao vivo. (RECUERO, 2009).

A Internet não pode ser vista apenas como um meio de fornecer informações ao público, mas também como um espaço essencial de interação e comunicação bidirecional entre autoridades de saúde e a sociedade (VANZETTA et al., 2014). Essa transformação na forma de comunicação é reflexo do crescimento da conectividade digital e da evolução das tecnologias móveis, que permitem que a informação seja acessada e compartilhada de maneira mais dinâmica e descentralizada (RECUERO, 2009). Nesse sentido, os sites oficiais de organizações de saúde, embora ainda indispensáveis, tornaram-se insuficientes para atingir e engajar grandes públicos. A presença ativa e estratégica nas redes sociais é, portanto, não apenas uma necessidade, mas também uma oportunidade para otimizar a comunicação com o público (MORAIS E BRITO, 2020), aprimorar o relacionamento entre profissionais de saúde e a sociedade e tornar as campanhas mais eficazes. (MACKAY, 2022)

A adaptação da comunicação institucional à nova dinâmica digital é um passo essencial para garantir a disseminação de informações confiáveis e combater a desinformação, permitindo que a comunicação em saúde pública seja cada vez mais eficaz e acessível para diferentes públicos (VANZETTA et al., 2014).

3.2. Doenças mais citadas

A análise dos artigos selecionados na revisão sistemática revelou que a Covid-19 foi o tema predominante, abrangendo 45% das publicações incluídas na amostra. Esse dado reflete o impacto global da pandemia e os desafios impostos à comunicação em saúde durante

emergências sanitárias de rápida disseminação. Além da Covid-19, outras doenças receberam atenção na literatura acadêmica, como doenças infecciosas (ex.: Zika, HIV, arboviroses), doenças crônicas (ex.: diabetes, câncer, doenças cardiovasculares), saúde alimentar e tabagismo (FIG. 2).

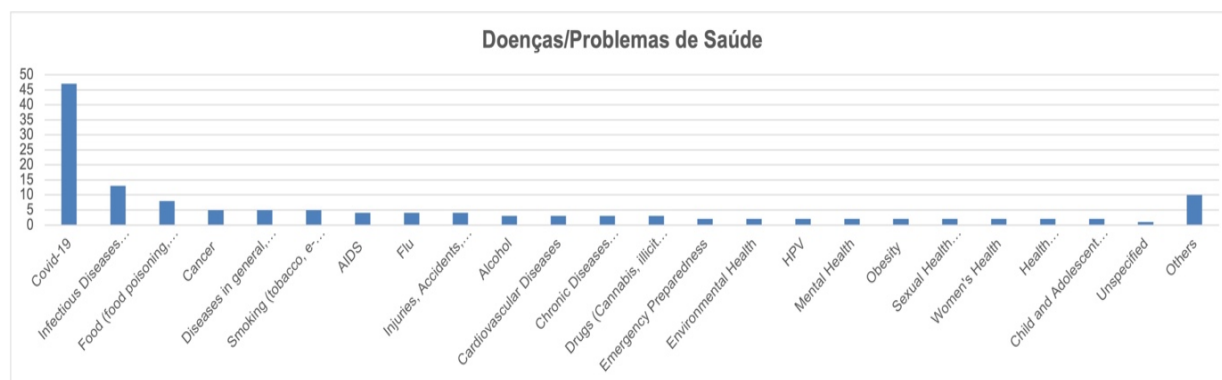


FIGURA 2 - Doenças/Problemas de saúde mais estudados na RSL

FONTE – PRÓPRIA AUTORA

A contaminação pelo vírus HIV ou Aids continua sendo uma grande preocupação de saúde pública global, tanto pela necessidade de tratamento contínuo quanto pelos desafios enfrentados em relação ao estigma e à disseminação de informações corretas (NOBLES ET AL., 2020). Já outras doenças infecciosas variam conforme a região do estudo: Listeriose tem grande abrangência na África (SUAU, GUILLEM e PONT SORRIBES, 2021), enquanto Zika e sarampo (OLIVEIRA-COSTA et al., 2022) foram mais abordados na América do Sul, refletindo os desafios epidemiológicos locais.

3.2.1. Covid-19 e Comunicação em Saúde

A centralidade da Covid-19 nas discussões acadêmicas se justifica pela necessidade de governos e autoridades de saúde tentarem gerir a pior crise sanitária do último século de forma eficiente (JOATHAN, BARRETO e FERREIRA, 2025), lidando simultaneamente com a disseminação de desinformação, um contexto ímpar na história. Lacunas na comunicação oficial sobre medidas governamentais e sobre o próprio vírus foram rapidamente preenchidas pelas chamadas ‘fake news’, levando a crenças e comportamentos que comprometeram ações de prevenção (KOTHARI, WALKER E BURNS, 2022). Essa desinformação foi amplificada pela rápida propagação de conteúdos nas redes sociais, onde usuários compartilhavam

informações falsas sobre tratamentos ineficazes e teorias conspiratórias, como a associação infundada entre redes 5G e a disseminação da doença (KOTHARI, WALKER E BURNS, 2022; BENAVENT et al., 2020).

No Brasil, a crise sanitária durante a pandemia da Covid-19 foi amplificada por fatores políticos, particularmente pela conduta adotada pelo então presidente Jair Bolsonaro contra evidências científicas, promovendo tratamentos ineficazes, questionando a eficácia das vacinas e priorizando a recuperação econômica em detrimento das medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial de Saúde para conter a propagação do vírus (JOATHAN, BARRETO e FERREIRA, 2025).

A crise de confiança gerada por essas informações distorcidas foi agravada pelo endosso de líderes da extrema-direita, incluindo Bolsonaro e Donald Trump, que recomendaram o uso da hidroxicloroquina como tratamento contra a Covid-19, apesar da falta de comprovação científica sobre sua eficácia (JOATHAN, BARRETO e FERREIRA, 2025). O impacto dessa condução política da pandemia se refletiu no número expressivo de mortes no Brasil: até 26 de abril de 2023, o país registrava aproximadamente 10% de todos os óbitos reportados à Organização Mundial da Saúde (OMS), somando 37,4 milhões de casos e 701,4 mil mortes. O Brasil foi o segundo país com maior número de vítimas fatais da doença, atrás apenas dos Estados Unidos, que contabilizaram 1.124.063 mortes (WHO, 2023).

3.2.2. Doenças Infecciosas: Zika, Arboviroses e HIV

As arboviroses, especialmente Zika, dengue, chikungunya e febre amarela, representam desafios contínuos para a saúde pública, particularmente em países tropicais como o Brasil. A epidemia de Zika em 2015 gerou ampla preocupação devido à sua associação com microcefalia em recém-nascidos, aumentando a necessidade de ações de comunicação eficazes para informar a população sobre riscos e medidas preventivas (GLOWACKI et al., 2016). No caso das arboviroses, a comunicação estratégica em redes sociais desempenha um papel essencial na conscientização e engajamento da população (OLIVEIRA-COSTA et al., 2022).

3.2.3. Saúde Alimentar e Segurança dos Alimentos

O tema ‘alimentação’ que inclui questões como segurança alimentar, intoxicação, nutrição e dietas saudáveis, também foi abordada na literatura científica, evidenciando a interseção entre alimentação e saúde pública. Com o avanço das mídias sociais, órgãos

reguladores e instituições de saúde passaram a utilizar essas plataformas para disseminar informações sobre segurança alimentar e boas práticas nutricionais, possibilitando maior interação com a população (SHAN et al., 2015). No entanto, muitos desses órgãos ainda utilizam as redes apenas como canais de comunicação unilateral, sem explorar plenamente seu potencial interativo para engajamento e esclarecimento de dúvidas (RANDO-CUETO, HERAS-PEDROSA e PANIAGUA-ROJANO, 2023)

A alimentação está diretamente relacionada à prevenção de doenças crônicas e controle de epidemias nutricionais, sendo um dos pilares das políticas de saúde pública. Além disso, a comunicação digital pode contribuir para reduzir a disseminação de mitos sobre alimentação, promovendo conteúdos baseados em evidências que orientem a população sobre hábitos alimentares saudáveis (SHAN et al., 2015).

3.2.4. Demais doenças

Doenças crônicas como diabetes, doenças cardiovasculares e câncer, continuam sendo prioridades na saúde pública global. O câncer também tem sido um dos temas mais estudados no contexto da participação de pacientes e do impacto das redes sociais na disseminação de informações sobre prevenção e tratamento (FEDOROWICZ et al., 2022). Pacientes que utilizam redes sociais não apenas buscam informações sobre seus tratamentos, mas também influenciam decisões políticas e participação em ensaios clínicos, demonstrando o potencial dessas plataformas na construção de comunidades e no fortalecimento do engajamento em saúde (SYN, 2021).

Outras doenças identificadas na análise incluem tabagismo e uso de cigarros eletrônicos, de drogas ilícitas, saúde sexual e reprodutiva, além de violência e acidentes, reforçando a diversidade de temas abordados nas pesquisas sobre comunicação digital em saúde.

3.3. Países que mais pesquisaram

A análise dos artigos selecionados na revisão sistemática revelou que a maior parte da produção acadêmica sobre comunicação em saúde pública nas mídias sociais tem origem em países da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), China, Espanha, Brasil e Reino Unido (FIG. 3). Essa distribuição sugere uma concentração do conhecimento científico em países com maior suporte financeiro para pesquisa, especialmente os localizados no hemisfério norte.

A presença marcante dos Estados Unidos, Canadá e China entre os principais países que produziram pesquisas sobre o tema pode ser explicada por diversos fatores. Primeiramente, esses países possuem sistemas robustos de financiamento acadêmico e investimento significativo em ciência e tecnologia, permitindo a realização de estudos em larga escala e a continuidade de projetos de pesquisa. Além disso, esses países abrigam algumas das universidades mais bem classificadas no mundo, o que favorece o desenvolvimento de estudos altamente citados e impactantes (REIDPATH e ALLOTEY, 2019; KELLY et al., 2016).

O Brasil e a Espanha também aparecem como centros relevantes de pesquisa na área, o que pode estar relacionado a fatores como a diversidade de desafios sanitários enfrentados, a presença de epidemias recentes – como Zika no Brasil – e o avanço de programas acadêmicos voltados para a comunicação e saúde pública. No entanto, quando analisamos a dinâmica global da produção do conhecimento, percebe-se que há uma desigualdade estrutural na distribuição da produção científica, o que é discutido no campo das teorias pós-coloniais (COLLYER, 2016).

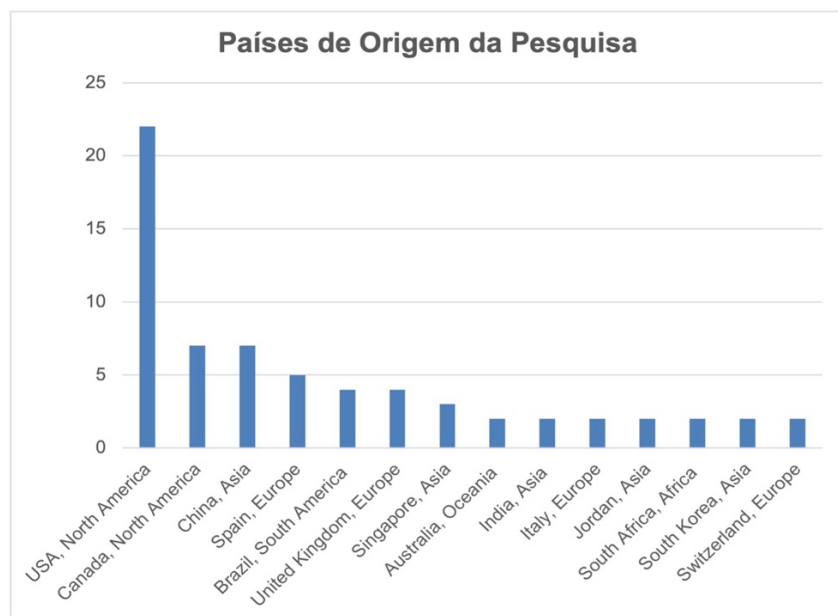


FIGURA 3 - Países que mais pesquisaram

FONTE – PRÓPRIA AUTORA

3.3.1. A Desigualdade na Produção do Conhecimento Científico

Alatas (2003) sugere que a produção de conhecimento nos países do Sul Global frequentemente ocorre em um sistema desigual, onde as pesquisas realizadas em países

periféricos são frequentemente classificadas como estudos de caso, enquanto as pesquisas desenvolvidas nos países do Norte Global tendem a ser apresentadas como teorias universais aplicáveis a todas as realidades (BABER, 2003). Esse fenômeno se reflete na forma como estudos conduzidos na América Latina, África e Sudeste Asiático são citados – muitas vezes, sua relevância é limitada ao contexto local, enquanto estudos norte-americanos e europeus dominam as referências teóricas em publicações internacionais.

Além disso, o modelo predominante de colaboração internacional reforça essa desigualdade. Kreimer e Zabala (2008) demonstram que, em muitos casos, pesquisadores do Norte Global lideram projetos de pesquisa, enquanto os acadêmicos do Sul Global desempenham um papel secundário, frequentemente restrito à coleta de dados empíricos sem participação na formulação teórica dos estudos. Essa estrutura limita a capacidade dos pesquisadores de países em desenvolvimento de influenciar paradigmas científicos globais e reforça a hierarquia na produção do conhecimento.

3.3.2. A Centralização da Produção Científica no Norte Global

O papel dominante dos países do Norte Global na produção científica também é evidente na análise de citações. Estudos indicam que pesquisadores de países periféricos tendem a citar predominantemente trabalhos do Norte Global, enquanto pesquisadores desses países centrais raramente citam estudos do Sul Global (COLLYER, 2014; DANELL, 2013). Esse fenômeno, denominado "extroversion" por Hountondji (2002), reflete uma dinâmica em que a legitimidade acadêmica é fortemente dependente do reconhecimento por parte das instituições científicas do Norte.

Outro fator que contribui para essa concentração do conhecimento é a estrutura das publicações acadêmicas internacionais. O acesso às revistas científicas de maior impacto, muitas das quais estão sediadas nos Estados Unidos e Europa, frequentemente exige que pesquisadores adaptem seus estudos às perspectivas e interesses dominantes nesses países. Além disso, os altos custos de publicação em periódicos de acesso aberto e as barreiras linguísticas criam desafios adicionais para acadêmicos do Sul Global (KELLY et al., 2016).

Apesar da predominância dos países do Norte Global na produção científica, novos circuitos de publicação e colaboração transnacional têm surgido para fortalecer a voz dos pesquisadores do Sul Global (COLLYER, 2016). O crescimento de periódicos regionais, redes acadêmicas independentes e iniciativas de ciência aberta tem contribuído para ampliar a

disseminação do conhecimento produzido em países periféricos. No entanto, ainda há um longo caminho para reduzir as desigualdades na produção e na circulação do conhecimento acadêmico.

3.4. Países mais pesquisados

A análise dos estudos selecionados revela uma ampla diversificação geográfica, abrangendo pesquisas realizadas em países das Américas, Europa, Ásia e Oceania. Essa variedade demonstra o interesse global pelo uso das mídias sociais como ferramenta na comunicação em saúde pública, evidenciando sua importância crescente para a disseminação de informações e o engajamento da população (LI et al., 2021).

Entre os países mais pesquisados destacam-se os Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, China e Brasil (FIG. 4). Essa predominância pode estar relacionada a diversos fatores, tais como o elevado desenvolvimento tecnológico, o intenso uso de redes sociais e os desafios sanitários recentes vivenciados por essas nações. Por exemplo, nos Estados Unidos e no Reino Unido (KOTHARI, WALKER e BURNS, 2022; MAYBERRY et al., 2023), as plataformas digitais desempenharam um papel crucial durante a pandemia de Covid-19, auxiliando tanto na divulgação de informações oficiais quanto no combate à desinformação (ZHONG et al., 2021).

Os resultados da pesquisa indicam que, dos 29 estudos focados nos EUA, 14 abordaram a Covid-19, enquanto no Reino Unido, 8 dos 11 trabalhos analisados trataram desse tema. No Canadá, 2 dos 9 estudos pesquisaram a Covid-19; na China, todos os 7 artigos selecionados focaram na pandemia; e, tanto no Brasil quanto na Espanha, metade dos 6 estudos analisados esteve relacionada à Covid-19.

No contexto brasileiro, as mídias sociais também tiveram papel relevante, especialmente em campanhas de vacinação e no enfrentamento de epidemias como a Zika e a Dengue (GALINDO NETO et al., 2021; OLIVEIRA-COSTA et al., 2022). Essa diversidade nos países pesquisados reflete ainda as diferenças existentes nos sistemas de saúde e nas estratégias de comunicação governamental. Enquanto países como EUA, Reino Unido e Canadá contam com sistemas de saúde mais estruturados e alta conectividade digital, nações como China e Brasil enfrentam desafios adicionais, como a desigualdade no acesso à informação e variações na adoção de estratégias digitais (LI et al., 2021).

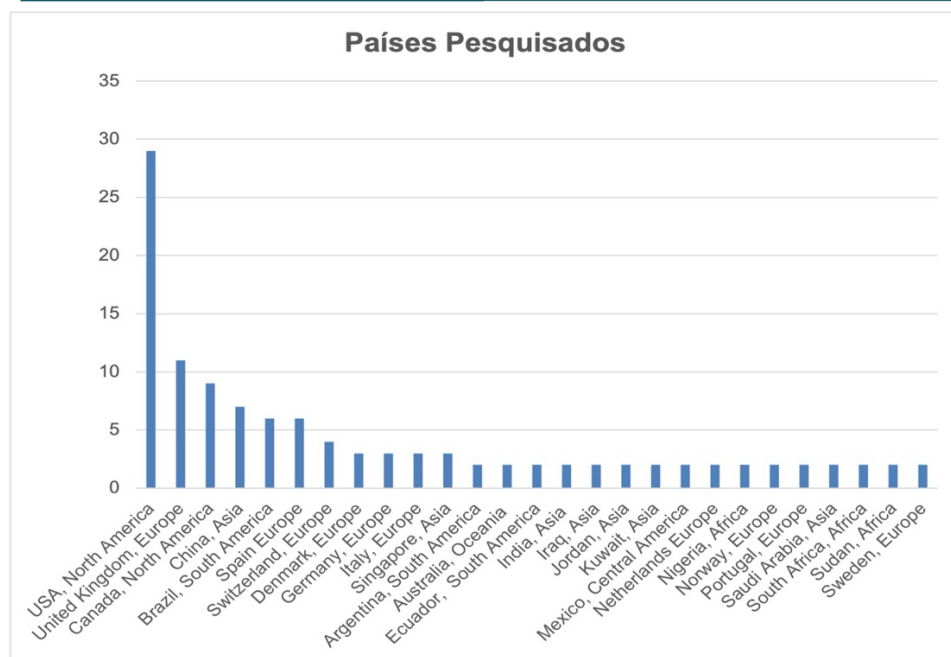


FIGURA 4 - Países mais pesquisados

FONTE – PRÓPRIA AUTORA

Por exemplo, a China possui um ecossistema digital próprio, com plataformas como Weibo e WeChat, que são fundamentais para a disseminação de informações de saúde pública, enquanto no Brasil, a prevalência do uso do WhatsApp e do Facebook nas comunicações institucionais e em campanhas de conscientização reflete características socioculturais específicas (ZHONG et al., 2021). Além disso, os dados mostram que as temáticas abordadas variam de acordo com o contexto nacional. Nos EUA e no México, por exemplo, a temática de liderança e política fundamentadas em evidências teve destaque, enquanto no Reino Unido, Nigéria e Canadá, os debates em torno de medidas sociais e confinamento se sobressaíram. Em países como Espanha e Brasil, assuntos relacionados a anúncios e reportagens foi a mais popular, ressaltando a importância da divulgação de informações e das orientações das autoridades de saúde (LI et al., 2021).

Outro aspecto relevante é o impacto da regulação e censura. Em países como a China, onde existem restrições ao uso de redes sociais internacionais, a utilização de plataformas locais influencia a forma como as informações de saúde pública são disseminadas (COLLYER, 2016). Além disso, a confiança nas instituições varia entre os países, o que pode afetar a adesão das populações às mensagens de saúde pública e à eficácia das campanhas digitais (LI et al., 2021).

No que diz respeito à produção científica, Reidpath e Allotey (2019) discutem como o modelo atual de produção e disseminação do conhecimento científico, concentrado majoritariamente em países desenvolvidos, não atende de forma equitativa às necessidades dos países em desenvolvimento. Segundo os autores, essa concentração gera uma dependência dos países do Sul em relação às soluções e metodologias desenvolvidas no Norte, que frequentemente não são adequadas ao contexto local, reforçando desigualdades globais e limitando a autonomia científica (REIDPATH e ALLOTEY, 2019).

Em síntese, a análise evidencia que, embora a comunicação digital em saúde pública tenha um alcance global, as estratégias adotadas e os temas abordados variam de acordo com as condições locais, culturais e políticas. Países como Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, China e Brasil se destacam não só pela capacidade tecnológica e de pesquisa, mas também pelos desafios específicos que enfrentam na disseminação de informações. Para promover uma produção e disseminação de conhecimento mais equitativa e eficaz, é fundamental desenvolver estratégias de comunicação adaptadas a cada contexto, considerando as dinâmicas de acesso à informação, os níveis de confiança nas instituições e as particularidades das plataformas digitais utilizadas em cada país (LI et al., 2021; ZHONG et al., 2021; GALINDO NETO et al., 2021; OLIVEIRA-COSTA et al., 2022).

3.5. Autoridades de Saúde Mais Estudadas

A análise dos 77 artigos incluídos na Revisão Sistemática de Literatura (RSL) revelou que as autoridades de saúde pública mais mencionadas foram os Ministérios da Saúde de diversos países (25%), os Centros para Prevenção e Controle de Doenças (CDC) (22%) e instituições de saúde pública do Canadá. Além dessas, foram frequentemente citadas outras instituições de saúde pública dos Estados Unidos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e diversas instituições e departamentos de saúde da China (FIG. 5).

A distribuição dessas citações está diretamente correlacionada com os países de origem dos estudos e os países mais pesquisados, evidenciando a predominância de países como Estados Unidos, Canadá e China.

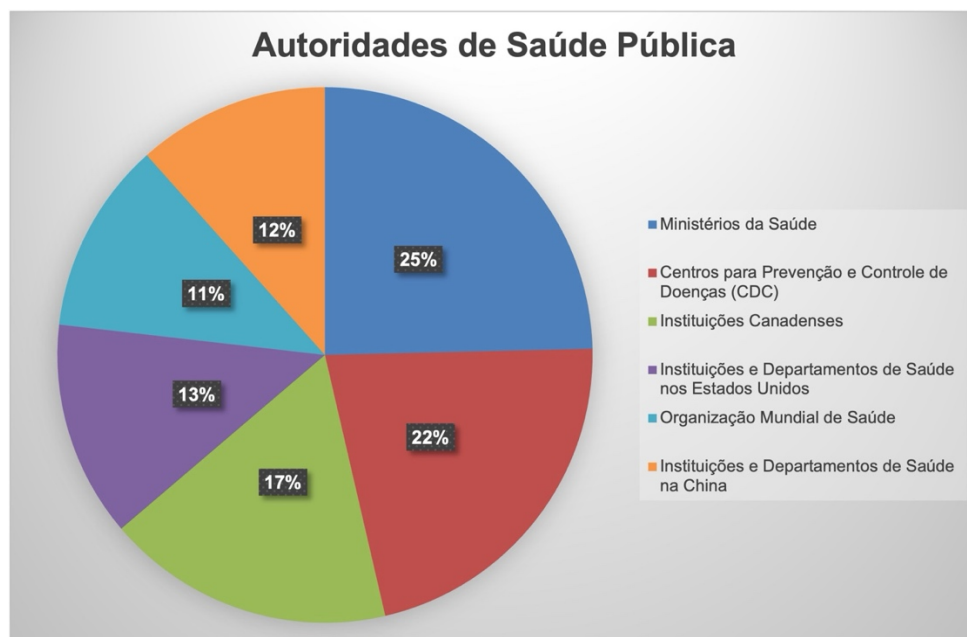


FIGURA 5 – Autoridades de Saúde Pública mais citadas nas pesquisas.

FONTE – PRÓPRIA AUTORA

Ministérios da Saúde

Os Ministérios da Saúde foram as autoridades mais citadas na amostra, aparecendo em 25% dos artigos. Os estudos analisados mencionam Ministérios da Saúde de diferentes países, refletindo a diversidade geográfica das pesquisas. Entre os países cujos ministérios foram citados, destacam-se:

- a) Brasil
- b) Jordânia
- c) Noruega
- d) Turquia
- e) Singapura
- f) Espanha
- g) Taiwan

A alta presença dos Ministérios da Saúde nos artigos analisados indica que, em muitas nações, a principal fonte de comunicação em saúde pública durante crises sanitárias continua sendo as instituições governamentais centrais, responsáveis por definir diretrizes e coordenar respostas emergenciais.

Centros para Prevenção e Controle de Doenças (CDC)

Os CDC's foram citados em 22% dos artigos, sendo o CDC dos Estados Unidos o mais recorrente. No entanto, também houve menção a outros Centros de Controle e Prevenção de Doenças, como o CDC de Taiwan.

Nos Estados Unidos, além do CDC, algumas pesquisas citaram outros órgãos relacionados, como State Health Departments (Departamentos de Saúde Estaduais) e Local Health Departments (Departamentos de Saúde Locais). Isso sugere que, nos Estados Unidos, a comunicação em saúde pública é descentralizada, com forte participação das autoridades estaduais e municipais na disseminação de informações.

Instituições de Saúde Pública do Canadá

As instituições canadenses de saúde pública aparecem frequentemente nos estudos analisados, refletindo o papel do Canadá como um dos países que mais produzem pesquisas na área. As instituições citadas incluem:

- a) Canadian Institutes of Health Research (CIHR)
- b) Canada's Chief Public Health Officer (CPHO)
- c) Canadian federal public health
- d) Canadian public health agencies (municipal, regional, provincial, and territorial)
- e) Canadian Public Health Association (CPHA)
- f) Health Canada (HC)
- g) Health Canada and PHAC (Public Health Agency of Canada)
- h) Mental Health Commission of Canada (MHCC)
- i) Ottawa Public Health (OPH)
- j) Canadian Public Health Entities (PHEs)
- k) Canadian Mental Health Association (CMHA)

A ampla presença dessas instituições nas pesquisas reforça a abordagem estruturada e bem-financiada do Canadá em comunicação e saúde pública, bem como o forte envolvimento de diferentes níveis administrativos (municipal, provincial e federal) nas políticas de saúde.

Organização Mundial da Saúde (OMS)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi citada em 11% dos artigos analisados. A OMS desempenha um papel fundamental na formulação de diretrizes globais para a

comunicação em saúde, servindo como referência para muitos países na padronização de campanhas, combate à desinformação e recomendações sobre crises sanitárias.

O papel da OMS na comunicação digital tem sido amplamente discutido, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19, onde a organização utilizou redes sociais para disseminar informações confiáveis e combater fake News (OMS, 2020).

Instituições de Saúde Pública da China

As instituições chinesas apareceram em 12% dos estudos, com destaque para as seguintes entidades:

- a) China National Health Commission
- b) Chinese health commissions (health commissions of prefecture-level cities in China)
- c) Chinese public health institutions
- d) National Health Commission of the People's Republic of China (NHCC)
- e) Provincial and municipal governments in the Hubei province
- f) Provincial- and prefecture-level administration regions in mainland China

A China tem uma abordagem altamente centralizada na comunicação em saúde pública, com forte controle governamental sobre a disseminação de informações. Estudos analisados (LUO et al., 2023) apontam que as redes sociais locais, como Weibo e WeChat, foram amplamente utilizadas pelo governo chinês para informar a população e reforçar diretrizes de prevenção durante crises sanitárias.

Os resultados da análise das autoridades de saúde mais citadas na RSL evidenciam a predominância de países como Estados Unidos, Canadá e China, o que está diretamente ligado à centralização da produção acadêmica nessas regiões. Os Ministérios da Saúde aparecem como as instituições mais mencionadas, refletindo seu papel de liderança na comunicação pública em diferentes países.

Além disso, a forte presença do CDC dos Estados Unidos, da OMS e das instituições de saúde pública canadenses e chinesas indica que as estratégias de comunicação em saúde pública são moldadas tanto por instituições nacionais quanto por organismos internacionais. Essa diversidade de abordagens reforça a importância de compreender como diferentes países utilizam redes sociais e plataformas digitais para disseminar informações e engajar a população na promoção da saúde pública.

4. Discussão dos Resultados

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a comunicação em saúde pública nas mídias sociais tem sido amplamente utilizada para disseminar informações e engajar a população em tempos de crise sanitária. No entanto, a eficácia dessas estratégias varia significativamente entre países, plataformas e autoridades de saúde. A predominância da Covid-19 como tema principal das pesquisas analisadas reflete não apenas a magnitude da pandemia, mas também a necessidade urgente de adaptação das autoridades de saúde a um cenário digital altamente dinâmico e propenso à disseminação de desinformação.

A análise revelou que as plataformas mais utilizadas para comunicação em saúde pública foram o Twitter, Facebook e Instagram, destacando-se pela capacidade de alcançar grandes públicos e facilitar interações diretas entre governos e cidadãos. No entanto, estudos indicam que a forma como essas plataformas foram utilizadas influenciou diretamente o nível de engajamento do público.

Outro ponto relevante é a desigualdade na produção e disseminação do conhecimento científico sobre o uso das mídias sociais na comunicação em saúde. A análise dos países que mais produziram pesquisas sobre o tema revelou uma concentração no Norte Global, especialmente nos Estados Unidos, Canadá e China. Essa centralização reflete a influência do financiamento acadêmico e a infraestrutura de pesquisa desses países, mas também levanta questões sobre a dependência acadêmica dos países do Sul Global, conforme discutido na literatura pós-colonial (COLLYER, 2016). Apesar da crescente participação de países como Brasil e Espanha, a hierarquia na produção de conhecimento científico ainda é evidente, o que impacta a representatividade das abordagens locais nas pesquisas internacionais.

No que se refere às autoridades de saúde mais estudadas, os Ministérios da Saúde, os CDCs (especialmente dos EUA) e as instituições canadenses foram os mais mencionados nos artigos analisados. Esse resultado reforça a ideia de que a comunicação governamental desempenha um papel central na disseminação de informações sobre saúde pública. No entanto, a presença da OMS e das instituições chinesas também sugere que organizações internacionais e sistemas centralizados desempenham funções importantes na formulação de diretrizes e no enfrentamento de crises sanitárias em escala global.

Diante desses achados, é possível observar que a comunicação em saúde pública nas mídias sociais é um campo em evolução, repleto de desafios e oportunidades. A desinformação

continua sendo uma ameaça significativa, especialmente em contextos de crise, e a eficácia das campanhas digitais depende da capacidade das autoridades de adotar abordagens baseadas em evidências, interativas e culturalmente adaptadas.

5. Conclusão

A pandemia de Covid-19 consolidou o papel das mídias sociais como ferramentas indispensáveis para a comunicação em saúde pública. No entanto, a forma como essas plataformas foram utilizadas variou amplamente entre diferentes países e autoridades de saúde, influenciando o alcance, a confiabilidade e a eficácia das campanhas informativas.

A predominância dos Estados Unidos, Canadá e China na produção acadêmica sobre o tema reflete a concentração de financiamento e infraestrutura científica no Norte Global, evidenciando uma desigualdade na produção e circulação do conhecimento. O Brasil e outros países do Sul Global têm avançado na pesquisa sobre comunicação em saúde pública, mas ainda enfrentam desafios relacionados à dependência acadêmica e à visibilidade internacional de suas publicações. Essas disparidades impactam a forma como estratégias de comunicação são desenvolvidas globalmente, muitas vezes ignorando especificidades regionais e socioculturais.

Além disso, os achados indicam que as autoridades de saúde mais estudadas foram os Ministérios da Saúde, os CDCs e instituições de países desenvolvidos, o que reforça a centralização da comunicação oficial no enfrentamento de crises sanitárias. No entanto, a presença da OMS e das autoridades chinesas nos estudos analisados demonstra que a formulação de diretrizes globais e modelos de comunicação altamente organizados continuam desempenhando um papel crucial na gestão de emergências de saúde pública.

Para que a comunicação em saúde pública seja mais eficaz no futuro, é essencial que as autoridades adotem estratégias mais interativas, embasadas em modelos teóricos de engajamento e adaptadas às necessidades locais de diferentes populações. Além disso, políticas de incentivo à pesquisa nos países do Sul Global são fundamentais para reduzir a desigualdade na produção do conhecimento e garantir que as soluções propostas atendam às diversas realidades globais. A ascensão das mídias sociais como espaço de comunicação exige não apenas adaptação tecnológica, mas também um compromisso contínuo com a transparência, a acessibilidade e a luta contra a desinformação.

Referências

- ALATAS, Syed Farid. Academic Dependency and the Global Division of Labour in the Social Sciences. *Current Sociology*, v. 51, n. 6, p. 599–613, 2003.
- ALKAZEMI, Mariam F.; GUIDRY, Jeanine P. D.; ALMUTAIRI, Ezaddeen; MESSNER, Marcus. #Arabhealth on Instagram: Examining Public Health Messages to Arabian Gulf State Audiences. *Health Communication*, v. 37, n. 1, p. 1-10, 2022.
- BABER, Zaheer. Provincial universalism: The landscape of knowledge production in an era of globalization. *Current Sociology*, v. 51, n. 6, p. 615-623, 2003.
- BARROS, Vanesa Natalia; HAUCHÉ, Rocío Anabel; DE GRANDIS, Carolina; ELGIER, Angel Manuel. Aumento del uso de Instagram® y su relación con la Soledad Percibida, en contexto de pandemia Covid-19. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, v. 24, n. 2, 2020. ISSN 1852-7310.
- BENAVENT, R. A.; COGOLLOS, L. C.; ZURIÁN, J. C. V. Información y comunicación durante los primeros meses de Covid-19. Infodemia, desinformación y papel de los profesionales de la información. *Profesional de la Información*, v. 29, n. 4, p. 1–17, 2020.
- COLLYER, Fran M. Global patterns in the publishing of academic knowledge: Global North, global South. *Current Sociology*, v. 66, n. 1, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/0011392116680020>.
- CRUZ, Cláudio André Bezerra da; SILVA, Lúcio Lima da. Marketing digital: marketing para o novo milênio. *Revista Científica do ITPAC*, v. 7, 2014.
- DANELL, Rickard. Geographical diversity and changing communication regimes. In: DANELL, R.; LARSSON, A.; WISSELGREN, P. (eds.). *Social Science in Context*. Lund: Nordic Academic Press, 2013. p. 177–190.
- DONTHU, N.; KUMAR, S.; MUKHERJEE, D.; PANDEY, N.; LIM, W. M. How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, v. 133, p. 285–296, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.04.070>.
- FEDOROWICZ, Sophia; RILEY, Victoria; COWAP, Lisa; ELLIS, Naomi J.; CHAMBERS, Ruth; GROGAN, Sarah; CRONE, Diane; COTTRELL, Elizabeth; CLARK-CARTER, David; ROBERTS, Lesley; GIDLOW, Christopher J. Using social media for patient and public involvement and engagement in health research: The process and impact of a closed Facebook group. *Health Expectations*, v. 25, n. 2, p. 690-700, 2022.
- GALINDO NETO, Nelson Miguel; SÁ, Guilherme Guarino de Moura; PEREIRA, Juliana de Castro Nunes; BARBOSA, Luciana Uchôa; HENRIQUES, Amanda Haissa Barros; BARROS, Livia Moreira. COVID-19: comments on official social network of the Ministry of Health about action Brazil Count on Me. *Revista Brasileira de Enfermagem*, [s.l.], v. 74, n. 2, p. 1-7, 2021.
- GLOWACKI, Elizabeth M.; LAZARD, Allison J.; WILCOX, Gary B.; MACKERT, Michael; BERNHARDT, Jay M. Identifying the public's concerns and the Centers for Disease Control and Prevention's reactions during a health crisis: An analysis of a Zika live Twitter chat. *American Journal of Infection Control*, v. 44, n. 12, p. 1709–1711, 2016.

HOUNTONDJI, Paulin J. *The Struggle for Meaning*. Athens: Ohio University Press, 2002.

JOATHAN, Barreto; FERREIRA, Cláudia Regina. Risk Communication and COVID-19: Governmental Communication and Management of Pandemic. In: COMAN, Ioana A.; GREGOR, Miloš; LILLEKER, Darren (Eds.). *Brazil: From Denialism to Cynicism*. Routledge, 2025.

KELLY, C.; HULME, C.; FARRAGHER, T. et al. Are differences in travel time or distance to healthcare for adults in global north countries associated with an impact on health outcomes? A systematic review. *BMJ Open*, v. 6, e013059, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2016-013059>.

KORUKCU, Ozgur. Psycho-adaptive changes and psychological growth after childbirth in primiparous women. *Perspectives in Psychiatric Care*, v. 56, n. 3, p. 579-586, 2020.

KOTHARI, Ammina; WALKER, Kimberly; BURNS, Kelli. #CoronaVirus and public health: the role of social media in sharing health information. *Online Information Review*, v. 46, n. 7, p. 1293-1312, 2022.

KREIMER, Pablo; ZABALA, Juan Pablo. What knowledge for whom? Social, production and social use of scientific knowledge about Chagas disease in Argentina. *Anthropology Review*, v. 2, n. 3, p. 413-439, 2008.

LARSON, H. J. Blocking information on COVID-19 can fuel the spread of misinformation. *Nature*, v. 580, p. 306, 2020.

LI, J.; XU, Q.; CUOMO, R.; PURUSHOTHAMAN, M.; MACKEY, T. K. Social media use for health purposes: Systematic review. *Journal of Medical Internet Research*, v. 23, n. 5, e17917, 2021.

LUO, Chen; DAI, Runtao; DENG, Yuying; CHEN, Anfan. How did Chinese public health authorities promote COVID-19 vaccination on social media? A content analysis of the vaccination promotion posts. *Digital Health*, v. 9, p. 20552076231187474, 2023.

MACKAY, M. Understanding trust in public health communication during crises: The role of information, spokespersons, and channels. *Doctoral dissertation*, University of Guelph, 2022.

MAYBERRY, Kalie M.; SCACCIA, Jonathan P.; MITS DARFFER, Mary Louise. Analyzing Twitter for Community-Level Public Health Messaging. *Journal of Public Health Management and Practice*, v. 29, n. 2, p. 174-177, mar./abr. 2023.

MICHIE, S.; VAN STRALEN, M. M.; WEST, R. The behaviour change wheel: A new method for characterising and designing behaviour change interventions. *Implementation Science*, v. 6, p. 42, 2011.

MORAIS, N. S. D.; BRITO, M. L. A. Marketing digital através da ferramenta “Instagram”. *E-Acadêmica*, v. 1, p. 1-5, 2020.

NOBLES, Alicia L.; LEAS, Eric C.; LATKIN, Carl A.; DREDZE, Mark; STRATHDEE, Steffanie A.; AYERS, John W. #HIV: Alignment of HIV-Related Visual Content on Instagram with Public Health Priorities in the US. *AIDS and Behavior*, v. 24, n. 5, p. 1-9, 2020.

OLIVEIRA-COSTA, Mariella Silva; TEIXEIRA DA COSTA, Deivson Rayner; MACHADO MENDONÇA, Ana Valeria. Creators' voices and creature's numbers: the communication of arboviruses on Facebook of the Brazilian Ministry of Health. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 26, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). World Health Organization (WHO). Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 30 jan 2025.

RANDO-CUETO, Dolores; DE LAS HERAS-PEDROSA, Carlos; PANIAGUA-ROJANO, Francisco Javier. Health Communication Strategies via TikTok for the Prevention of Eating Disorders. *Systems*, v. 11, n. 6, p. 274, 2023.

REVEILHAC, Maud. The deployment of social media by political authorities and health experts to enhance public information during the COVID-19 pandemic. *SSM - Population Health*, v. 18, 2022.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

REIDPATH, D. D.; ALLOTEY, P. The problem of 'trickle-down science' from the Global North to the Global South. *BMJ Global Health*, v. 4, e001719, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2019-001719>.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. Digital News Report 2024. Oxford: University of Oxford, 2024.

SAMPAIO, C. R.; LYCARIÃO, D. Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SARIRETE, A. A bibliometric analysis of COVID-19 vaccines and sentiment analysis. *Procedia Computer Science*, 2021.

SHAN, L. C.; PANAGIOTOPOULOS, P.; REGAN, A.; DE BRUN, A.; BARNETT, J.; WALL, P.; MCCONNON, A. *Interactive Communication With the Public: Qualitative Exploration of the Use of Social Media by Food and Health Organizations. Journal of Nutrition Education and Behavior*, v. 47, n. 1, p. 104-108, 2015.

SILVA, D. L. B. da; SILVA, J. R. da; FERREIRA, L. B.; SOUZA, E. N. Comunicação com clientes via redes sociais: da captação ao pós-venda em agências de viagem de São Luís do Maranhão, Brasil. *Turismo, Visão e Ação*, v. 23, p. 216-241, 2021.

SILVEIRA, Felipa P.R.A.; OLIVEIRA, Tânia R.C.; PINHEIRO, Lisiane; MENDONÇA, Conceição A.S.; KOCK, Anderson. A contribuição da epistemologia da ciência para o ensino e a pesquisa em ensino de ciências: de Laudan a Mayr. *IV ENECiências*, Brasil, jul. 2012.

SUAU GOMILA, Guillem; SANCHEZ CALERO, Luisa; PONT SORRIBES, Carles. Evolution of the use of Twitter as a communication tool in health emergencies: The case of Listeriosis and Ebola in Spain. *I/C: Revista Científica de Información y Comunicación*, n. 18, p. 283-306, 2021.

SYN, Sue Yeon. Health information communication during a pandemic crisis: analysis of CDC Facebook Page during COVID-19. *Online Information Review*, v. 45, n. 1, p. 220-235, 2021.

TORRES, C. A bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

VANZETTA, Marina; VELLONE, Ercole; DAL MOLIN, Alberto; ROCCO, Gennaro; DE MARINIS, Maria Grazia; ROSARIA, Alvaro. Communication with the public in the health-care system: a descriptive study of the use of social media in Local Health Authorities and public hospitals in Italy. *Annali dell'Istituto Superiore di Sanità*, v. 50, n. 2, p. 1-8, 2014.

YOON, JungWon; HAGEN, Loni; ANDREWS, James; SCHARF, Ryan; KELLER, Thomas; CHUNG, EunKyung. On the use of multimedia in Twitter health communication: analysis of tweets regarding the Zika virus. *Information Research*, v. 24, n. 2, 2019.

YE, W.; DORANTES-GILARDI, R.; XIANG, Z.; ARON, L. COVID-19 Twitter communication of major societal stakeholders: Health institutions, the government, and the news media. *International Journal of Communication*, v. 15, p. 4443–4479, 2021.

ZHONG, Y.; LIU, W.; LEE, T.-Y.; ZHAO, H.; JI, J. Risk perception, knowledge, information sources and emotional states among COVID-19 patients in Wuhan, China. *Nursing Outlook*, v. 69, n. 1, p. 13-21, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.outlook.2020.08.005>.